

REVISTA DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO III LISBOA, 20 DE DEZEMBRO DE 1918 N.º 60

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO

ANO..... 1\$40 || ESTRANGEIRO
SEMESTRE . \$70 || ANO..... 3\$00

NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA EDITOR: ANNIBAL REBELLO

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

PORTUGAL!

QUE palavra mais sagrada devia existir para nós portuguezes?!

Nenhuma outra, porque Ela, além de symbolisar a nossa mãe patria—a que nos devia prender o maior e mais religioso sentimento amoroso, e a que deviamos dedicar um disvelado carinho e a mais dôce ternura—representa um hymno de epopeias, uma marcha de glorias, pelas inauditas façanhas de seus filhos; o cantico celestial traduzindo as benções que a teem acompanhado nos momentos mais dolorosos da sua existencia.

Paiz de sonho, Paiz de fadas — como o dissera um grande chefe de estado estrangeiro—creado, talvez, para ser o paraizo terrestre, nem por isso tem sido o mais afortunado na sua já longuissima existencia, se bem que enchendo uma, senão a mais gloriosa historia do mundo, todavia cheia de situações comoventes.

Poucos lances tragicos a enlutaram. E passados os periodos em que a Europa andou revoltada por inumeras façanhas guerreiras, Portugal, depois da sua completa independencia, cahiu no socego que lhe era indispensavel para se refazer, para ordenar a sua vida, para entrar no caminho de reivindicar a sua natural posição de nação livre e autonoma, com direito a usufruir todos os respectivos direitos e regalias.

Socegámos, então; mas as paixões

politicas a breve trecho começaram a irromper para o campo da luta, porque o nosso temperamento de meridionaes irrequietos não se acomodava a uma situação de prosperar progressivamente. O sangue sempre ardente dos portuguezes, impeliu-os para as pelepas cruentas da guerra, mais ainda do que para as grandes façanhas industriaes ou para os grandes cometimentos comerciaes nos quaes a economia da nação encontrasse um forte esteio ou um solido apoio para proseguir no caminho da riqueza e da ventura.

Temos, porém, desprezado essa senda, e o nosso rumo foi lançarmo-nos na das aventuras. Todavia os seus resultados não teem sido compensadores e só nos teem proporcionado ensejo para marcar n'essa historia de fulgurantes paginas, outras que, não contendo nenhuma manifestação do espirito de heroicidade que caracterizam as nossas epopeias, apenas atestam a existencia de marcos representativos de factos dolorosos que, ao fim de tão grande soma de glorias, se apresentam como mantos lugubres empanando o seu brilho.

Esses são os estygmas da queda inevitavel e a que não podiamos fugir, depois de termos atingido o maximo do nosso apogeu.

E, assim, temos vindo, mais cuidando d'uma politica faciosa e mes-

quinha do que do interesse da Patria, até a consumação de outro episodio doloroso, que acaba de denegrir, uma vez mais, as glorias passadas e de enlutar uma pagina d'essa historia, cujo brilho novamente obscureceu.

Embora sejamos um orgão apenas de interesse nacional, e por isso mesmo que a idéa da Patria é a unica que nos domina e nos guia, não podemos deixar de assignalar a nossa repulsão por actos reprovaveis por todos os povos civilizados, que se pronunciem seja contra quem fôr e muito menos contra os representantes supremos da nação, muito principalmente quando eles symbolisam os principios basilares sobre que se regem as sociedades constituídas.

E estas só podem progredir e ser felizes, quando o seu lema é: União — Ordem — Trabalho.

Assim, pois, aqui lavramos o nosso sentimento pelo barbaro atentado de que foi victima o Chefe do Estado, e lastimamos compungidamente — como portuguezes que somos—que um motivo mais possa vir a influir poderosamente nos destinos da nossa terra, que bem merecia do amor dos seus filhos e de bem melhor sorte era digna.

Perante a magestade augusta da Morte, que acaba de enlutar este desventurado paiz e de arrebatat um grande portuguez e um grande patriota que era o sr. Dr. Sidonio Paes, curvamo-nos respeitosos, e imploramos da Divina Providencia que se amercie d'este Portugal, tão glorioso outr'ora, e tão triste agora.



A ASTROLOGIA E A GUERRA

PROPHECIAS...

DEPOIS do começo da grande guerra apareceram diversas prophcias, desde a de Mayence á de St. Odile, para justificar a razão da conflagração mundial. Porém, nenhuma d'elas se ajustou á comprehensão da humanidade com a certeza da sua real origem e da sua possível realisação.

A idéa da influencia astral sobre os acontecimentos terrestres, remonta desde os Chaldeus, que, aliás, ha sete ou oito mil anos, tinham já determinado a precessão dos equinoxios: e, positivamente, ninguém pode afirmar, nem tampouco contrariar, que as irradiações dos milhões de pequenos astros que se acham disseminados pelo firmamento sejam menos importantes, no Cosmos, do que as inconcebíveis forças attractivas que retem as moléculas e os átomos dos corpos, ou que a incomparavel velocidade dos raios cathódicos, ou, ainda, que a conjugação das ondas hertzianas, hoje absolutamente comprovadas, assim como a das correntes telluricas, também já dominadas pelo progresso da sciencia.

Será possível não haver uma co-existencia entre o nosso minúsculo sistema solar, misturado no turbilhão do Universo, e os mais corpos que habitam no Infinito?

A este respeito o grande sabio L. de Launay cita uma carta escrita em 1345, por Jean de Murs, que foi um astrónomo de renome, a Clemente VI, avisando-o de duas conjunções de planetas que tiveram então logar e cujas consequências são para ponderar. N'essa carta disse o celebre astrónomo: «A primeira d'essas conjunções, entre Jupiter e Saturno, deve reproduzir uma circumstancia que não se deu ainda depois da vinda da religião dos Sarracenos ou da enthronisação do perfido Mahomet. Os philosophos pensam que ela assinalará esta seita por grandes atribulações e enormes transformações. Se, n'esse momento, os christãos a fustigarem energeticamente

«e a atacarem vigorosamente, ella trans-formar-se-ha n'uma outra religião, ou, então, desfazer-se-ha até a sua completa extincção. A outra conjunção «deverá realizar-se a 8 de Julho de 1357, entre Jupiter e Marte, isto é «— dos dois planetas que são os conductores da má-fortuna. Ora, muitas «e variadas experiencias teem dado a «saber que o planeta Jupiter domina «a Inglaterra, Marte a Alemanha e Saturno a França. Esta conjunção assig-nala, pois, grandes guerras e grandes «efusões de sangue, morte de reis, «destruição de reinos e dominação d'estes reinos pelos estrangeiros. Se vossa «Santidade, antes da epocha prevista, «não tiver conseguido, por qualquer «fórma, uma paz firme e duradoura «entre os príncipes christãos, é de crer «que o rei e o reino de França este- «jam em perigo de ruina, de anarchia «e de oprobrio eterno. Se, pelo contra- «rio, Vossa Santidade conseguir afastar e aniquillar os males enunciados «pela segunda conjunção, podereis usufruir dos beneficios, regalias e alegrias — emfim, dos felizes aconteci- «mentos em favor da fé christã que «são annunciados pela primeira conjun- «ção.»

Reportando-se a estas prophcias, acrescenta M. de Launay: «Terá havido algum astrologo que se dedicasse a examinar se Jupiter, Saturno «e Marte se encontrariam de novo, «perto de 1914? Não o sabemos. Em 1357, Jean de Murs poder-se-hia intitular propheta, pois pouco antes da «data prevista, teve logar o desastre «de Poitiers.»

Ora, M. de Mely, no seu interessante artigo publicado ultimamente na «Renaissance du Tourisme», d'onde extrahimos estas notas, refere que o «Petit Parisien» na sua chronica astronomica de domingo 13 de Fevereiro de 1916, indica que *Venus e Jupiter assemelham-se a Oeste, a dois grandes pharoes de automovel*: observação que

foi confirmada pelo «Journal de Rouen» no seu numero de sabado 12, que a esse proposito menciona até um engano havido por um vigia, que deu o alerta da aproximação de *zeppelins*, supondo vêr nos dois planetas, pela sua aproximação e atravez a bruma da noite, um pharol de navio aereo.

Para E'ste, foi também constatado, todas as tardes, que o planeta Marte avançava rapidamente sobre Jupiter e Venus, tendo, no fim de Fevereiro, passado, por alguns momentos, sobre o mesmo grau de longitude descripto pelos dois planetas; assim como, depois do pôr do sol, que os tres referidos planetas em conjunção a Sud-Oeste, iluminavam scintilantemente o astro como maravilhosos pharoes.

Segue-se d'alli a correlação havida — como em 1357, entre a conjunção dos planetas e os acontecimentos terrestres. Simplesmente então, o pre-nuncio manifestou-se diferente, pois agora foi o planeta Venus o bom, que prevaleceu ao Saturno o mau. D'ahi a victoria do Marne em logar do desastre de Poitiers.

Efectivamente, esta coincidência é algo curiosa. Veja-se o que succedeu na Russia, na Austria e na Alemanha.

Teria, também, pairado sobre nós alguma conjunção planetaria, cujos efeitos correlativos expliquem os acontecimentos que acabam de, mais uma vez, perturbar a nossa vida?

...Que respondam os nossos cientistas.

O «GRANDE HOTEL» DE PORTALEGRE

NESTA importante cidade alemtejana abriu ha pouco o novo *Grande Hotel*, propriedade do sr. Celestino Ayres.

Este belo estabelecimento, onde se encontra comodidade e conforto, vem preencher uma lacuna que de ha muito se fazia sentir na risonha cidade de Portalegre.

A nova casa dispõe de varios melhoramentos, proprios de uma instalação moderna, sendo circundada por grandes horisontes, que constituiram um grande enlevo para os hospedes, que por certo ali serão atrahidos em grande numero.

Na nossa administração, Largo Bordalo Pinheiro, 28, se encontram á disposiçã dos srs. assignantes capas artisticas para encadernar o 1.º e 2.º anos da *Revista de Turismo*, que vendemos ao preço de 1\$20, cada uma, sendo o pagamento adiantado.

ESCOLA DE CRIADOS DE MEZA

UM dos mais remuneradores empregos para as classes menos abastadas, é, sem duvida alguma, o de criado de mesa; pois quer seja em hotel ou em restaurante, a mensalidade é sempre superior aos dos melhores e mais proficuos empregos, de que se gosa tanto na vida comercial como na burocratica, excluindo—é claro—os guarda-livros e os directores-geraes.

É vulgar, vulgarissimo, n'um restaurante de Lisboa ou Porto, um criado tirar um ordenado de mais de 100 mil reis por mez; e nos hoteis, desde o porteiro ao simples criado de quartos, os seus honorarios são muitas vezes superiores aos do gerente do hotel.

Nos hoteis da provincia acontece o mesmo, tirando a criadagem uma feria mensal, raras vezes inferior a 50 mil reis, o que equivale a dizer, que todos estes, mercê da exportula volumptaria do hospede, ganham mais do que o dono do hotel.

Mas se formos a ver bem—e isso sem mesmo ter que profundar a estatística, 90 % em Lisboa e 50 % na provincia, esses servos são estrangeiros, e o peor é que a sua educação e competencia profissional é uma perfeita negação. E porquê? Por falta de compreensão de muita gente, e pela união das pessoas oriundas da Galiza, que só querem ao seu serviço compatriotas seus, e ainda pela dificuldade de se encontrar um criado de nacionalidade portugueza.

Não nos alongaremos em classificar os defeitos dos criados de hotel, por que estão á vista de toda gente; mas queremos significar o alcance economico para as classes menos abastadas em se dedicarem a esse mister.

É certo que se um rapaz, entre os seus 15 e os 18 anos, se quizesse dedicar a criado de mesa, ou um antigo porteiro d'um grande predio se quizesse empregar o seu mister n'um hotel, correriam Lisboa inteira e não encontrariam collocção. E por quê? Primeiro, pela falta de conhecimento do assumpto; e a segunda, pela aversão que lhe teriam todos os outros criados.

Se um porteiro quizesse ir exercer a sua profissão para um hotel, ninguem tambem o admitiria, porque, se no seu antigo emprego, ele passava o dia a madraçar, ali, com os hospedes a entrarem e a sahirem, a darem-lhe recados e a pedirem-lhe informações, teria que passar o dia a trabalhar, o que

era contra os seus habitos, e por isso todo o hoteleiro o regeitaria pela diferença de actividade que era preciso empregar.

E ele proprio não se sentiria bem, embora tivesse ali, no fim do mez, um ordenado de bacharel, embora na escada nobre d'um predio da Avenida tivesse apenas o bastante para... mandar cantar um cego.

Como resolver isto—perguntará o leitor? De uma maneira muito simples: creando-se nos azilos e nas casas de caridade uns cursos de criado de mesa; e os directores e professores, em vez de lhes ensinarem direitos civicos, que indiquem o caminho do trabalho honrado e remunerador.

Se não veja-se: Um educando n'essas casas de beneficencia, vindo cá para fóra com o officio de encadernador, typographo ou carpinteiro, ganhará o bastante para não morrer de fome; conquanto que, com o curso de criado de mesa, sabendo um pouco de francez e ouvindo por meio de preleções e bons conselhos, essa enorme compreensão que nos envolve a todos nós, de em sabendo alguma coisa, nos julgarmos capazes de ocupar uma cadeira de ministro, dar-lhe-ha o mais do que suficiente para a mãe ou as irmãs gosarem uma vida desafogada.

Houve e n tempos uma d'essas escolas na Casa Pia de Lisboa; e quando já estava sortindo os seus efeitos, o governo, n'um excesso de economia, suprimiu a pequena verba de 200\$00 para o professor, e tudo ficou como d'antes...

Não levamos as nossas ideias ao governo; isso seria passar a vida inteira a pregar n'um deserto. Levamo-las aos directores dos azylos e das casas de caridade para que estudem o assumpto, certos de que empregarão melhor o seu tempo, do que a ensinar aos alumnos officios, mais dispendiosos para a administração da casa, e menos proveitosos para eles.

J. A. S.

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, L. Bordalo Pinheiro, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra Figueira da Foz, Guarda, Cintra e outras terras do paiz.

ANTONIO BOTTO

CONTINUA a honrar-nos com a sua colaboração em magnificos versos, o moço poeta sr. Antonio Botto, que é dotado de raras qualidades de talento, como os nossos leitores teem tido por vezes occasião de apreciar.

N'um dos ultimos numeros publicamos uns versos lindissimos «*Tarde Triste*» que eram um mimo de concepção e de lirismo.

N'este inserimos um soneto que é um primor.

Ao mavioso poeta aqui consagramos o nosso perduravel agradecimento, pela sua brilhante colaboração.

Sociedade de Propaganda de Ceia

N'ESTA interessante vila serrana acaba de ser fundada uma sociedade para defeza e propaganda do concelho de Ceia, e que promete, pelas entidades que lhe estão affectas, engrandecer a causa a que se propõe.

Na reunião inicial ventilaram-se entre outros assumptos de interesse immediato, o relativo ao caminho de ferro de Arganil a Ceia e Gouveia, e o relativo á estrada directa de Ceia á Serra, por Povoá Nova, etc.

Sobre aquele caminho de ferro, já a *Revista de Turismo* se referiu largamente; tendo tambem sido motivo de grande interesse do congresso da Serra da Estrela, realizado em Agosto ultimo, de cuja these foi relator o nosso Redactor principal sr. Guerra Maio.

Os nossos melhores votos são para que esta nova colectividade fortifique; e o engrandecimento de Ceia, da Serra da Estrela e de todo o lindo vale do Mondego seja, em pouco tempo, um facto incontestavel.

EXPEDIENTE

Devendo proceder-se, no fim do corrente mez, á renovação das assignaturas semestraes; solicitamos dos nossos assignantes a extrema fineza de nos enviarem a respectiva importancia, poupando-nos assim ás avultadas despezas da cobrança pelo correio, que hoje ascendem a uma consideravel soma.

Confiamos n'esse generoso auxilio dos nossos prezados assignantes; o que antecipadamente agradecemos.

ARTE E LITERATURA

DIVINO SER

SONETO

DE ANTONIO FOGAÇA

DE ANTONIO BOTTO

*Quem tiver um bem na vida
Não lhe chame logo seu.*

*Alli junto d'aquelle ribeirinho
Que sem descanço corre murmurando,
Alli meu triste pranto desatando,
Eu recordei o nosso amôr, sósinho!*

*Estive largo tempo, de mansinho,
As hervas minhas penas confiando;
E ao longe o Sol cahindo, agonizando,
Povoava de sombras o caminho.*

*Olhando para as aguas que seguiam,
Os salgueiraes, curvados, pareciam
Desilludidas almas a scismar...*

*Deseceu a noite: e a lua macerada,
Ja, de nuvens negras rodeada,
Serena pelos ceus a caminhar...*



TODAS SÃO BELLAS

DE FAUSTO GUEDES TEIXEIRA

Não ha uma mulher sem um encanto,
Todas são bellas seja no que fôr;
A alma, por mais oculta, em qualquer canto
Ha-de romper e dar a sua flôr.

Mas quando nada dê, temos, no entanto,
Em nós poder de tudo lhe suppôr,
Desde a pureza, se esse amor é santo,
Ao mais, se o nosso amôr é bem amôr.

Entre as negruras de que nos rodeia
A vida, pode uma alma ser perdida?
Creatura d'amôr que seja feia?

Sônho que eu vivo e porque ha tanto chamo!
Quem me déra, atravez da minha vida,
Encontrar, afinal, a que eu não amo!...

Este eterno sorriso, este desejo
á flôr dos nossos labios sempre unidos,
assim como se juntos os sentidos
fossem crystatisando n'um só beijo...

estes vagos encantos, tanto ensejo...
tanta luz, tanto amor, dias perdidos,
meus olhos e os teus olhos reflectidos,
teu doce olhar, onde meus sonhos vejo...

tudo me leva a crêr, tudo me leva
a jurar pelo ceu, pelo innocencia,
que, muito longe d'estes mundos d'Eva,

tiveram, n'uma olympica vertigem...
aos pés do Creador, na mesma essencia,
a minh'alma e a tua a mesma origem.



SONETO

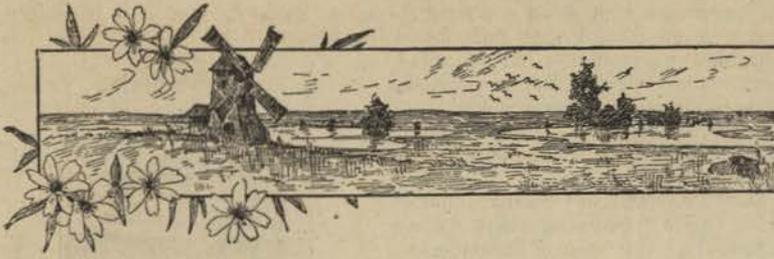
DE CANDIDO GUERREIRO

*Oh mais linda entre as lindas creaturas,
Sobre a tua cabeça preciosa,
Como chuva de pétalas de rosa,
Caíam bençãos e ineditas doçuras!*

*Deslize a tua vida harmoniosa!
Que todos os meus males e amarguras
Te sejam descontados em venturas,
Oh Doce, oh Clementissima, oh Piedosa!*

*Solto o collar de lyriaes opalas,
Veem cheias de luar as tuas falas,
Minha Santa Cecilia, minha Santa!*

*Meu amor, a tua Alma é bem a nota
A mais suave da harmonia ignota
Que Deus Nosso Senhor aos homens canta...*



EM VIAGEM...

NOTAS SOBRE O JOELHO

NA FIGUEIRA

ESTE ano sahi tarde para o meu veraneio. Mas a gente, para viagens d'estas, chega sempre a tempo, por bem tarde que se saia de casa. Viajar em Portugal é um costume tão enraizado, que ninguem deixa de fazer uma vilegiatura, logo que é possível; o que prova que a nossa bela terra é amada por toda a gente.

E agora, mercê dos novos ricos e apesar de tudo caro, transportes, hotéis, preparativos, etc., o numero de viajantes engrossa de dia para dia. Ha quatro anos—quando trez comboios rapidos diarios entre Lisboa e Porto circulavam e se tinha um razoavel hotel por quinze tostões,—quem havia de supôr que, desaparecidos esses magnificos comboios, continuaria a haver turismo, com o publico servido apenas por um comboio directo circulando só tres vezes por semana, com a marcha dos antigos mixtos, em vez d'aqueles rapidos comboios voando a 100 kilometros á hora?!

E quem é que havia de supôr que se havia de pagar por um mal servido almoço mais do que artigamente se pagava por um dia inteiro de hospedagem, e que, para arranjar um miseravel quarto n'uma agua furtada, tinha que se andar de porta em porta, cabisbaixo, de maleta na mão!!!

Pois chegou-se a esse magnifico resultado; e até eu, que não sou nem

velho, nem novo rico, alarguei, quasi a estourar, os cordões á bolsa para fazer uma passeata.



Como comboio mais comodo escolhi o peor. O da noite, rapido pu-

sujeito gorducho e corado—a vida devia correr-lhe bem, pela delicia com que se instalara n'um lugar que não era o seu. Acreditei-me perante o homem, com a senha que me dava posse do lugar que ele occupava, e ele em resposta, disse que não se levantava. O lugar estava vago e portanto sentara-se. Que viesse á mais tempo. Objectei-lhe que eu tinha vindo primeiro marcar e pagar o lugar. Não senhor, não queria saber de *marcadelas*; o lugar era seu e só seu. Veio o revisor, convidou o homem a levantar-se com uns modos tão prudentes e encolhidos que parecia que tinha sido, ele, revisor, que tomara o lugar do gorduchote.

De um canto do vagão, sahi uma voz encoberta pela figura bojuda do revisor:—Larga o lugar, açambarcador! E como o homem dásse mais por este nome do que pelo cumprimento do dever, levantou-se, resmungando e ameaçando destruir a companhia, comboio e tudo o mais...

Final lá partimos, e instalado no



FIGUEIRA DA FOZ—Um jardim

chado a lenha, e a arfar de cansaço nas subidas, sem ligações, não me tentou, quando, segundo o meu velho habito da ultima hora, cheguei á estação do Rocio, o comboio transbordava de passageiros de todas as classes e de todas as qualidades de maus humores... Mas... tinha de ir.

O meu lugar lá estava marcado, e ao mesmo tempo occupado por um

meu anciado lugar pude vêr d'ele a assistencia, apesar da luz fosca da carruagem empenumbrar quasi o compartimento. Ao canto da janela ia uma rapariga nova, bonita e naturalmente adorada no seu bairro. Disse logo que ia para a Figueira, tinha lá as suas amigas; mas a ela aborrecia-lhe a Figueira, porque era muito *pequena a praia*; preferia Espinho. Depois enumerou á criada, para que nós todos ouvíssemos, os seus apaixonados

do ano anterior. Todos queriam dançar com ela. Este ano não só dançaria com



Rainha Santa

o Freitas, talvez com o Chico (quem diabo seria o Chico, esse felizão!) mas o Freitas dançava melhor; ah! mas o Chico, sabia dizer coisas, sabia conversar, era mais fino. Todos nós já desejávamos ser o Freitas ou o Chico, quando ela reparando bem para nós, a vê se a estávamos a ouvir, anunciou um terceiro: o Mendinho. Sim o Mendinho era um homem perfeito, montava a cavalo, ela gostava muito dele, mas o Chico... Já o comboio passara Santarem e Torres Novas e ainda os adonis da nossa formosa companheira empestavam o ambiente.

Chegámos ao Entroncamento, fui fazer a cama. E' uma receita que dou a quem viajar de noite. Em vez de tomar carruagem leito, prepare-se no restaurante, ahí entre a meia noite e as duas horas, com um bom bife, um farto prato de carnes frias, um peixe e meia garrafa de Colares. Não ha somno nem fadiga que entre conosco.

Depois fui para o compartimento onde a nossa boa companheira, se preparava para conversar consigo.

Uma hora passada a machina arfava na rampa de Albergaria, n'uma agonia estafada. Um frio,—estávamos em fins de setembro—arrepia a concavidade até ali morna da carruagem.

Chegámos a Albergaria e a porta abriu-se. Uma aragem mais aguda

do que uma lamina gelou o compartimento e uns olhos avidos d'um lugar reluziram na portinhola, com indagações mudas e lentas. Depois foram-se embora, deixando a porta aberta.

Uma voz aguda como um silvo ganiu: Agua fresca, quem quer agua fresca!

Tive vontade de esganar aquela gorja. Agua fresca aquela hora, e com aquele frio! Um velhote levantou-se, urrou e fechou com estrondo a portinhola.

O comboio lá partiu. Aconchegámo-nos nas mantas. Novamente a maldadada porta estalou para traz: era o revisor que vinha pedir os bilhetes. Depois de uma somnolenta revisão, abalou, deixando-nos todos a espirrar e em um enervante mau humor.



Em Alfarellos, mudámos com a



Vista geral de Vizeu



Um pescador

nossa gentil valsista, para o comboio da Figueira.



COIMBRA—Sé Nova

A's 5 horas da manhã, chegávamos á primeira praia de Portugal, onde áquella hora, os candieiros se apagavam com uma tristeza de funeral.

Os hotéis estavam cheios; os corretores dormiam e dormiam bem com certeza, na doce satisfação de abundancia de forasteiros. Comonautas abandonados, errámos pelas ruas desertas, á procura d'um quarto, do calor d'um caldo. Aquí estava cheio, além não podia ser, que

tivéssemos paciência...

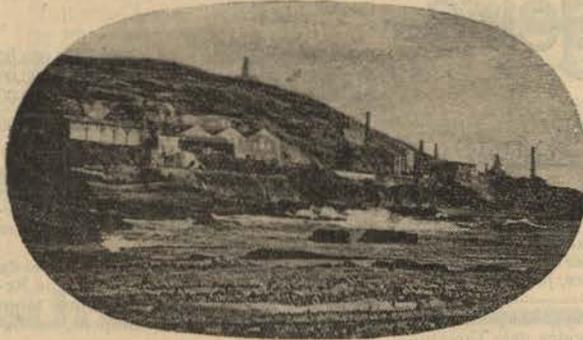
A' luz alta, viamos atravez de vidraças, mesas verdes de roletas entre cabeças pendentes de pontos depenados. O dinheiro da Figueira não chegava para fazer hotéis, mas sobejava para roletas...

Emfim, lá descobrimos, com o sol a romper, um quarto n'uma agua furtada, que olhava para a travessa, e julguei-me feliz, tanto mais que não era minha aspiração um quarto que olhasse para o mar, para a extensa praia, porque a praia é destinada a moradias de pescadores, e os hotéis são feitos no centro da cidade...

E ha quem lhe chame a Biarritz Portuguesa! Que sacrilegio.

No quarto, apesar da cama feita, não havia agua, não havia toalha. Duas horas passadas, ao cabo de muito reclamada a berros—a campainha não tocava—apareceu a servente mal humorada, com a toalha e com um regador pouco maior do que um copo d'agua.

Emfim, como não havia possibilidade de arranjar um banho, pois tinha de ser encomendado de vespera, lá me iludi com uma lavadela de cara; e de-



FIGUEIRA DA FOZ — Cabo Mondego

pois de barbeado fui até á praia.

O mar estava chão e um sol serenamente lindo dourava tudo com uma graça feliz.

Na praia, conversava-se, namorava-se, a tomar banho. Uma escassa duzia de pessoas, grupos de hespanholas alastravam-se na areia; marmanjos brincavam em atitudes infantis, e sobre aquilo tudo distinguíam-se como pulvilhadas nuvens, vestidos brancos d'onde sahiam lindos pescoços e faces palidas de mulheres cheias de graça e frescura, que quebrava a semsaboria do snobismo masculino da praia.

Deliciosa Figueira—quando terás sobre a tua imensa praia, um vasto hotel, onde ao cahir da tarde, com o sol a morrer alem, no oceano, deixando-nos uma imensa saudade, vamos tomar o café sob o alpendre, depois do jantar, vendo passar esses alegres bandos de mulheres pensativas e de olhos scismadores, em baixo na praia, entre a rapaziada mais mascula e menos afeminada?

—E com estes pensamentos recolhi

ao hotel, para no dia seguinte abalar no primeiro comboio para Coimbra, a velha cidade sempre moça, envolta na graça da juventude academica e bravia, e n'esse luar sempre tão doce e tão romântico.

A viagem não foi sem fadigas. Para se andar 32 kilometros, treztrasbordos!

Em Amieira, em Alfarelos, em Coimbra B; e tudo isto com enervantes demoras nas estações de enlace, mas tudo sofremos com paciencia. E se como diz o velho rifão,

«é necessario sofrer para ser formoso», necessario é tambem sofrer para viajar. E depois é bom a gente lembrar se que os nossos avós não tinham senão a luxuosa mala-posta, com encomendações ou santos da nossa devoção para que não houvesse um mau encontro, e para que o postilhão se não tomasse do vinho. Quando é que eles haviam de sonhar que havia de haver casas com o pomposo nome de *Grande Hotel*, a abarrotar de hospedes, e que havia de haver comboios! atzados?!

Nunca! Nunca!...

Em Coimbra lá se arranjou um quarto, mau é claro. Os bons apesar de caros, estavam cheios.

E ali, na suave Lusa-Atenas, passei um lindo dia de sol de setembro, gasto n'uma doce romaria á Santa Clara a Velha, onde o tempo desaparece em contemplações estaticas a essa imagem da rainha Santa e em que Teixeira Lopes encarnou a mulher portugueza, e na deliciosa sombra do Jardim Botânico, onde n'aquella tarde se estabelecera uma santa paz.

João da Ega

deverão ser disseminadas por todo o mundo, para que a industria portugueza seja bem conhecida no estrangeiro.

A «Casa Portugal», em Paris, que está projectada sob os melhores auspícios, deve abranger as seguintes installações:

Camara de Comercio e Industria, cujos estatutos ja foram aprovados pelo governo: Centro de informações Comerciaes, com exposição permanente de productos e todos os dados necessarios á propaganda comercial entre França e Portugal; e Centro de Turismo e Viagens, com informações acerca de planos de viagens, belezas regionaes, estações de aguas, climatéricas, etc.

A Camara do Comercio e Industria ficará independente e funcionará dentro da legislação portugueza respectiva; o Centro de Informações Comerciaes ficará sob a direcção d'um funcionario da Secretaria de Estado dos Estrangeiros e sob a inspecção immediata do Consulado Geral, em Paris; e o Centro de Turismo e Viagens terá á sua frente um dos directores da Sociedade Propaganda de Portugal e será por ela e pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes largamente subsidiado.

A esta idéa associamo-nos com o maior louvor e com o mais intenso entusiasmo, pois que a installação das «Casas de Portugal» no estrangeiro representa um muito proveitoso meio de propaganda, que secundará, com enorme valia, a ação dos agentes especiaes que — estamos certos d'isso — hão de vir um dia a ser nomeados para que essa propaganda se intensifique, não só nos paizes que podem constituir a melhor freguezia para os nossos productos industriaes e para o desenvolvimento do nosso comercio, mas n'aqueles onde a nossa actividade comercial e industrial é, por assim dizer, ainda desconhecida.

A esses agentes caberá, tambem— para que a sua missão seja completa— o encargo de atrahir turistas a Portugal, o que não será difficil, desde que eles sejam pessoas competentes para bem cumprirem essa missão.

CASAS DE PORTUGAL

EM FRANÇA

EM o nosso ultimo numero demos noticia da projectada fundação da «Casa de Portugal», no Rio de Janeiro e em S. Paulo. Hoje podemos ampliar essa noticia, com a informação de que se pensa, tambem, na installação d'uma outra «Casa de Portugal» em Paris.

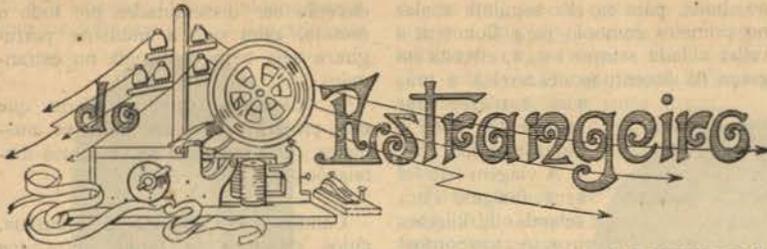
Tanto a Italia como a Hespanha, possuem já, em Marselha, estabelecimentos identicos, onde se exhibe o

mostruario das suas melhores e mais delicadas produções.

D'essas installações, os dois referidos paizes teem tirado o melhor proveito quer material, quer no sentido proprio da sua expansão comercial e industrial.

E', pois, de esperar que igual futuro esteja reservado a Portugal, na divulgação dos seus productos por intermediario das suas «Casas», as quaes

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deverá dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe communicações que interessem ao seu fim especial.



AMERICA

New-York, Outubro de 1918

PARA dar uma idéa do que tem sido a ação dos Estados Unidos na calamitosa guerra mundial, vou hoje descrever, ainda que brevemente, as medidas de caracter geral que foram postas em pratica pelo governo yankee e a cooperação immediata que ela encontrou, tanto pelo lado do commercio, como da industria, para os seus naturaes efeitos, julgados absolutamente necessarios não só para os interesses d'esta grande republica, como para a execução do compromisso moral com que ela se prendeu á justa causa dos aliados.

Todos os negocios estabelecidos e desenvolvidos por iniciativa particular, foram postos incondicionalmente debaixo da jurisdicção do Governo, pelo periodo que durar a guerra.

Todas as industrias fundamentaes, os vivers, finanças, fabricas, e transportes maritimos e terrestres, o commercio de importação e de exportação, tudo enfim encontra-se regulado pelo Governo, e os homens de negocio do paiz deram o melhor apoio, oferecendo—como quota valiosa— a leal solidariedade, e prestando-se entusiasticamente a seguir todos os regulamentos e disposições que o Governo considerou necessario impor sobre todas as empresas particulares, até se lograr a victoria final.

A rapidez com que tudo foi posto debaixo da direção do Governo, prova admiravel e eloquentemente o espirito patriótico que reina nos Estados Unidos; tanto mais que, antes de 7 de Abril de 1917, esta nação exercia menor fiscalização governamental sobre os negocios e transportes do que outra qualquer nação do mundo, com a unica excepção possivel da Grã Bretanha, antes do actual conflicto. Aqui não havia leis que permitissem tal regulamentação; e assim, graças aos esforços e aptidões particulares, o commercio e as industrias dos Estados Unidos gozavam de uma posição e independência invejáveis, pelo que todos encontravam n'este paiz um terreno vasto e propicio para estabelecerem grandes empresas, de tal importancia que não se conheciam outras em parte alguma do mundo.

E no entanto, embora a regulamentação dos negocios, por parte do Governo dos Estados Unidos, fosse coisa ainda para ser ensaiada, foi apenas necessario apontar esta medida como indispensavel, para que os interesses mercantis do paiz se abstivessem de fazer-lhe a menor opposição; e devido ao espirito patriótico reinante, as principaes empresas de todas as industrias foram além do que exigia a interpretação da lei, no que os regulamentos do Governo estabeleceram para cada uma d'ellas.

Quasi se não registam casos alguns de desobediencia a esses regulamentos; e quando succede que o Governo deseja que se observem certas regras que se não acham determinadas na lei, o commercio e industria fazem d'ellas uma questão de honra.

A regulamentação dos negocios pelo Go-

verno, effectou-se pela concessão do Congresso ao Presidente dos Estados Unidos, de poderes extraordinarios e sem paralelo; poderes que por sua vez o Presidente delegou em varias commissões, juntas e funcionarios executivos.

A feliz evolução dos negocios particulares dos que se acham regidos pelo Governo, em tão curto espaço de tempo e com tão poucos transformos para o commercio, tornou possivel, devido a uma mutua confiança que existia entre os homens de negocio do paiz e os directores e funcionarios em quem delegou o Presidente, a resolução d'esses assumptos, avaliando-se assim o patriotismo demonstrado por esses mesmos homens de negocios ao cooperar sinceramente com o Governo, ainda mesmo quando era preciso sacrificar o beneficio pessoal de cada um d'eles, caso que com frequencia se deu.

Esta regulamentação do Governo sobre os negocios se revela especialmente nos seguintes ramos:

Comercio de Exportação e Importação.— Todas as exportações ou importações quaesquer que sejam os artigos de valor superior a \$100.00, necessitam de licenças expedidas pela Junta do Comercio de Guerra, na qual o Presidente delegou os poderes que lhe foram conferidos para regulamentar a importação durante a guerra.

Esta regulamentação jámais havia sido exercida até então pelo Governo Norte Americano; porém foi autorizada pelo Congresso seis semanas após a declaração de guerra.

O seu fim é evitar por todos os meios, que qualquer auxilio, por mais insignificante que seja, possa chegar ao inimigo, e impedir que certos artigos indispensaveis no paiz saiam para fora d'elle; assegurando aos nossos Aliados a opção dos artigos que possam ser exportados sem prejuizo da nação, reduzindo o numero de vapores para embarques, de forma a evitar todo o intento de ajudar o inimigo com lucros auferidos por empresas inimigas em paizes neutraes.

Finanças—Todas as transações do cambio estrangeiro ficaram reguladas pela Junta De Reserva Federal do Ministerio da Fazenda, a qual ficou assim em condições de impedir a menor especulação em dolares ou na moeda de qualquer nação aliada, podendo ainda estabelecer o cambio no estrangeiro.

Os depositos de ouro cunhado no paiz foram tambem reunidos e postos debaixo de licença pela Junta de Reserva Federal.

Para evitar a competencia de outros valores com as ações emitidas pelo Governo dos Estados Unidos a particulares, para as despesas da guerra, o Governo exerce tambem uma jurisdicção sobre a commissão de novos capitales.

Ao principio, esta fiscalização era exercida pelo Comité de Commissões de Capital, nomeado pela Junta de Reserva Federal. Este Comité porém não tinha poderes, limitando-se apenas a fazer recomendações que em geral eram aceites sem protexto por banqueiros do paiz.

A participação mais valiosa do mundo, nas finanças de guerra, foi sem duvida alguma, a sua immediata resposta ao chamamento que se fez para os Empréstimos da Liberdade.

Esses tres empréstimos foram os seguintes:

Primeiro .. dolars...	2,000,000,000.00
Segundo... "	3,800,000,000.00
Segundo... "	4,170,000,000.00
Total...	9,970,000,000.00

Estas enormes emissões foram subscriptas em grande parte, graças ás extraordinarias medidas adoptadas pelos Bancos para levantar os empréstimos, trabalhando sem remuneração alguma.

O elo inestimavel entre o Ministerio da Fazenda e os Bancos foi o systema de Reserva Federal, que se assemelha um tanto ao dos Bancos Nacionaes Europeus, estabelecido em 1914.

Esse systema tem-se desenvolvido extraordinariamente desde a nossa participação na guerra mundial. Muitos dos Bancos mais importantes, organizados debaixo das leis dos diferentes estados Norte Americanos, mais do que debaixo das leis geraes da nação, haviam-se negado a fazer parte da Reserva Federal. Mas logo que entrámos no conflicto, esses proprios bancos aceitaram o convite que lhes foi feito, de se unirem ao citado systema; e desde então os Bancos da Reserva Federal tem sido um factor importantissimo, tanto para levantar os Empréstimos da Liberdade, como na regulamentação e restricção das operações bancarias, ajudando o Governo nas suas medidas de guerra em tudo quanto lhes tem sido possivel.

Não só lograram os bancos e corretores da Bolsa, flutuar os empréstimos da Liberdade, fazendo-o sem um centavo de commissão, como venderam por conta do Governo os certificados internos que emitiu, além de terem organizado a campanha para a venda dos Sellos de Economias de Guerra, que iniciou o Ministerio da Fazenda.

Só a venda d'esses sellos de economia de guerra espera-se que produza, durante o ano de 1918, a quantia de dois bilhoes de dolares.

Como esta já vae longa, reservo para a proxima correspondencia o seguimento d'esta descripção, tanto mais que uma das suas partes interessa directamente ao turismo, por se tratar de caminhos de ferro.

Z.

EM MARROCOS

PROPAGANDA DE TURISMO

A Sociedade de Geografia de Marrocos, no intuito de iniciar a propaganda turistica d'aquella paiz, abriu concurso para um projecto de cartaz, a cores, destinado a esse fim; tendo estabelecido os seguintes premios: 1.º, 500 francos; 2.º, 300 francos, premios estes que serão pagos em moeda corrente.

Aos demais projectos que forem classificados inferiormente serão conferidas medalhas.

Antes, porém, do Jury proceder á classificação dos projectos que forem apresentados, far-se-ha uma exposição d'esses trabalhos.